

## Por uma história das sensibilidades na literatura nigeriana contemporânea: modernidade e tradição em *Notas sobre o luto* (2021) de Chimamanda Adichie

For a History of Sensibilities in Contemporary Nigerian Literature: Modernity and Tradition in Chimamanda Ngozi Adichie's *Notes on Grief* (2021)

**Evander Ruthieri da Silva**

Doutor em História (UFPR)

Professor de História da África na UNILA

evander.silva@unila.edu.br

**Ana Luiza Baldin Fidelis**

Graduanda em História

Universidade da Integração Latino-Americana (UNILA)

alb.fidelis.2021@aluno.unila.edu.br

**Recebido:** 04/04/2024

**Aprovado:** 21/08/2024

**Resumo:** O artigo analisa o ensaio *Notas sobre o Luto* (2021) da romancista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, destacando a interação entre tradições e modernidade na caracterização de ritos funerários e de luto. A partir de uma perspectiva da História das Sensibilidades, percebe-se que Chimamanda Adichie utiliza elementos autobiográficos para explorar o luto e o trauma, especialmente em contextos referentes à memória da guerra civil nigeriana e da pandemia do COVID-19. Desse modo, Adichie resgata a importância dos rituais de enterro na cultura igbo, evidenciando a resistência contra traumas coletivos e individuais. Assim, a análise incide sobre as vias pelas quais o ensaio de Adichie reflete sobre os conflitos entre modernidades e tradições, não como um apego irracional ao passado, mas como uma resposta às mudanças estruturais na sociedade nigeriana.

**Palavras-chave:** Chimamanda Ngozi Adichie; Literatura Nigeriana; Tradição; Modernidade.

**Abstract:** The article analyzes the essay *Notes on Grief* (2021) by Nigerian novelist Chimamanda Ngozi Adichie, highlighting the interaction between traditions and modernity in the characterization of funeral rites and mourning. From a perspective of the History of Sensibilities, it is perceived that Chimamanda Adichie uses autobiographical elements to explore grief and trauma, especially in contexts related to the memory of the Nigerian civil war and the COVID-19 pandemic. Thus, Adichie rescues the importance of burial rituals in Igbo culture, highlighting resistance against collective and

individual traumas. Therefore, the analysis focuses on the ways in which Adichie's essay reflects on the conflicts between modernities and traditions, not as an irrational attachment to the past, but as a response to structural changes in Nigerian society.

**Keywords:** Chimamanda Ngozi Adichie; Nigerian Literature; Tradition; Modernity.

### Introdução

A romancista Chimamanda Ngozi Adichie (1977-) tem sido considerada como um dos principais nomes da literatura nigeriana contemporânea e da chamada “terceira geração” da literatura africana, marcada por certo senso de distanciamento crítico das perspectivas nacionalistas, ao apontar os limites e contradições dos processos de descolonização no continente africano. Ademais, a trajetória de Chimamanda Adichie foi marcada por elementos das diásporas africanas contemporâneas, sobretudo pelos seus deslocamentos entre a Nigéria e os Estados Unidos, e pela mobilização da literatura como espaço de reelaboração e ressignificação de memórias coletivas acerca de contextos da história política contemporânea - a exemplo da guerra civil nigeriana (1967-1970). Além de seus romances, Chimamanda Adichie também produziu escritos ensaísticos, a partir de elementos autobiográficos, tais como *Notas sobre o Luto*, escrito após a morte de seu pai, o professor universitário James Nwoye Adichie, durante a pandemia de COVID-19.

Este artigo tem em vista analisar *Notas sobre o Luto* a partir de uma perspectiva da História das Sensibilidades, com o fito de investigar as representações do luto e do trauma a partir da escrita ensaística de Chimamanda Adichie. O destaque recai sobre as relações entretecidas por Chimamanda Adichie entre tradições e modernidade, em especial ao recuperar e ressignificar as práticas igbo de produção social de ancestrais. O aporte teórico-metodológico visa dialogar com as relações entre História e Literatura, inspirando-se numa perspectiva atenta às dimensões sociohistóricas das sensibilidades, considerando-se em especial os “sentimentos e emoções” a partir dos “atos, ritos, palavras e imagens”<sup>138</sup> nos quais se constituem e materializam.

Desse modo, o artigo divide-se em três movimentos principais. Inicialmente, trata-se da trajetória intelectual de Chimamanda Adichie, conectando-a à “terceira geração” da literatura africana

---

<sup>138</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: LANGUE, Frédérique; PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007, pp. 19-20.

contemporânea, sobretudo pelas suas reflexões literárias acerca dos contextos políticos que marcam o “pós-colônia” (expressão de Achille Mbembe). A partir disso, o artigo problematiza as dimensões do trauma e da memória coletiva em *Notas sobre o luto*, especialmente a partir das diferentes temporalidades evocadas, e conectam diferentes experiências do trauma: a guerra civil nigeriana, e a pandemia do COVID-19. Por fim, discute-se as dimensões do luto, a partir da escrita de Chimamanda Adichie, e de sua ressignificação dos diálogos entre tradição e modernidade nas sociedades igbo.

### **Chimamanda Adichie e a “terceira geração”**

Em junho de 2008, a romancista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie publicou o conto “The Headstrong Historian” [“A historiadora obstinada”] no jornal estadunidense *The New Yorker*. A narrativa centra na trajetória de uma mulher igbo na Nigéria colonial e em contextos pós-emancipação: a protagonista, Nwambga, se distingue de outras mulheres de sua vila pela sua personalidade forte e decidida, e que, mesmo contrariando a vontade paterna, decide casar-se com um homem chamado Obierika, oriundo de uma família “amaldiçoada” pela infertilidade. Após sofrer vários abortos espontâneos, Nwambga dá à luz a um filho, Anikwenwa, que decide educar sozinho após a morte de seu marido. Diante da ameaça representada pelos familiares do falecido Obierika, que, com base no costume e no direito consuetudinário, desejam tomar suas terras, Nwambga decide deixar o filho sob os cuidados de missionários católicos, com o objetivo de aprender a língua inglesa e utilizar de tal conhecimento como forma de defesa de suas terras nos sistemas de justiça instalados pelos colonizadores britânicos como forma de imposição da ordem colonial pela resolução de conflitos locais.

Uma das consequências das escolhas de Nwambga envolve o distanciamento cultural entre mãe e filho, especialmente por ela ser considerada, de um ponto de vista da cultura europeia disseminada nas escolas missionárias, como “primitiva”. Nwambga reencontra o filho muitos anos mais tarde, após o nascimento de sua neta, Grace, a “historiadora obstinada” do título e que, contrariando seus pais, decide largar o curso de Química na Universidade de Ibadan, para cursar História e, a partir daí, recuperar tradições igbo e assumir uma nova identidade: “Afamefunu, que significa ‘meu nome não será perdido’: era o nome que sua avó havia lhe dado”<sup>139</sup>. Além disso, como

---

<sup>139</sup> BRAGA, Cláudio Roberto Vieira. Trocando o próprio nome: identidade cultural e memória em *The Headstrong Historian*, de Chimamanda Ngozi Adichie. *Cadernos Cespuc*, Belo Horizonte, n. 19, 2010, p. 44.

resposta aos livros didáticos que conheceu ao longo de sua adolescência, e que narravam uma história da Nigéria a partir da perspectiva do colonizador britânico, Grace/Afamefuna publica uma obra que representa possibilidades de recuperação dos protagonismos igbo e de denúncia da violência colonial sob o pretexto da “pacificação” das populações nativas: *“Pacifying with Bullets: A Reclaimed History of Southern Nigeria [Pacificando com Balas: Uma História Recuperada do Sudoeste Nigeriano]”*<sup>140</sup>.

Ao abordar a história de três gerações de homens e mulheres igbo a partir de suas relações com as culturas ancestrais e os processos de transformação das suas identidades culturais, em especial a partir do contato com o colonialismo, Chimamanda Adichie, por meio de seu conto “The Headstrong Historian”, retoma uma temática recorrente em sua produção literária, a saber, as relações com a memória coletiva dos processos de colonização e descolonização na Nigéria, as articulações complexas entre tradição e modernidade, e a recuperação de vozes silenciadas pelos contextos de subalternização decorrentes da exploração colonial para, assim, escrever uma história nigeriana a partir da pluralidade de vozes e experiências históricas de homens e mulheres africanas. Dessa forma, enfatizando os protagonismos femininos, e de modo mais específico as trajetórias de mulheres igbo ao longo do século XX, Adichie fornece uma perspectiva que, de uma forma ou de outra, permite ainda lançar novos olhares ao passado de modo a desnaturalizar a violência colonial e construir novas formas, menos verticalizadas, de relações entre experiências de modernidade e tradições ancestrais.

Assim, possibilita-se pensar na escrita literária e ensaística de Chimamanda Adichie como um exemplo do que tem sido considerado como uma “literatura pós-colonial”, no qual o conceito “pós-colonial”, longe de expressar certa linearidade temporal ou a total superação das estruturas de poder/violência associadas à colonialidade, “nos ajudar a descrever ou caracterizar a mudança nas relações globais, que marca a transição (necessariamente irregular) da era dos impérios para o momento da pós-independência ou da pós-descolonização”<sup>141</sup>, e que permite, entre outros aspectos, na subversão ou superação dos binômios colonizador/colonizado para refletir acerca de outras formas de relações de poder que emergem nestas conjunturas históricas, especialmente, como no caso da Nigéria pós-independência, em contextos políticos e sociais marcados por governos autoritários, crises econômicas e guerra civil. Portanto, ao tomar a literatura de Chimamanda Adichie como fonte de investigação histórica, intenciona-se uma aproximação ao conceito de “pós-colonial” como um “fenômeno

---

<sup>140</sup> ADICHIE, Chimamanda. Ngozi. “The Headstrong Historian”. *The New Yorker*, 23 de jun. 2008. Disponível em <<https://www.newyorker.com/magazine/2008/06/23/the-headstrong-historian>> Acesso em: 09 de jun. 2023.

<sup>141</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 101.

rizomático de longa duração”, e que se refere aos “desdobramentos silenciosos, residuais e (inter)ditos que marcam os novos desafios do espaço-tempo da contemporaneidade, todavia assombrada por *restos* e *rastros* da (pós)colonialidade e do(s) império(s)”<sup>142</sup>.

Conforme Alyxandra Gomes Nunes, a tematização das memórias coletivas e das vozes femininas na Nigéria colonial/pós-colonial aproxima-se das diferentes facetas mobilizadas pelos projetos literários de Chimamanda Adichie e que incluem, ainda, uma atenção especial à “condição feminina, os estereótipos que arrasam as relações humanas, tanto de uma perspectiva racial quanto étnica; as diferenças no balanço de gênero; os dilemas intergeracionais e principalmente, a recorrência do silenciamento sobre a guerra de Biafra”<sup>143</sup>, conflito civil que deixou profundas cicatrizes na sociedade nigeriana entre as décadas de 1960 e 1970. Como se sabe, Adichie integra uma geração mais recente de romancistas nigerianos de expressão inglesa nascidos por volta dos anos de 1960-1970, e que realizaram parte das formações e trajetórias em situação de diáspora, sobretudo nos Estados Unidos e na Inglaterra. A partir de sua condição diaspórica, fornecem outros olhares sobre as realidades socioculturais nigerianas, distanciando-se, por um lado, das perspectivas coloniais e, por outro lado, dos discursos nacionais, enfatizando “uma outra história possível, [...] histórias plurais, longe de uma história única, perigosa e redutora”<sup>144</sup>. Por esse motivo, Adichie integraria uma chamada “terceira geração”<sup>145</sup> da literatura nigeriana, comprometida com a (re)escrita da história da Nigéria com destaque para eventos recentes, a exemplo da guerra de secessão de Biafra, ainda que em diálogo com outros literatos nigerianos de gerações anteriores – em especial, o romancista e poeta Chinua Achebe (1930-2013), considerado como um dos “pais” da literatura nigeriana<sup>146</sup>.

Oriunda de uma família de origem igbo, Adichie nasceu em setembro de 1977, na cidade de Abba, no estado de Anambra, na Nigéria. Seus pais, Grace Ifeoma (1942-2021) e James Nwoye Adichie (1932-2020), eram professores vinculados à Universidade de Nsukka, motivo pelo qual Adichie, ao lado de seus cinco irmãos, foi criada no *campus* universitário. Após concluir seus estudos secundários

---

<sup>142</sup> BRUGIONI, Elena. Literaturas africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto. Campinas: UNICAMP, 2019, p. 79.

<sup>143</sup> NUNES, Alyxandra Gomes. Chimamanda Ngozi Adichie: trajetória intelectual e seu projeto literário. Revista África(s), v. 03, n. 05, jan./jun. 2016, p. 129.

<sup>144</sup> NUNES, Alyxandra Gomes. Chimamanda Ngozi Adichie: trajetória intelectual e seu projeto literário. Revista África(s), v. 03, n. 05, jan./jun. 2016, p. 130.

<sup>145</sup> ADESANMI, Pius; DUNTON, Chris. Nigeria's third generation writing: historiography and preliminary theoretical considerations. English in Africa, v. 32, n. 1, 2005.

<sup>146</sup> DOHERTY, Brian. Writing Back with a Difference Chimamanda Ngozi Adichie's “The Headstrong Historian” as a Response to Chinua Achebe's Things Fall Apart. Matatu, v. 45, 2014, pp. 187-201.

em Nsukka, e pela influência dos pais, que desejavam que seguisse carreira médica, Adichie iniciou o curso de Medicina e Farmácia, permanecendo durante um ano e meio, sem concluir. No período em que esteve na Universidade de Nsukka, Adichie iniciou sua inserção no mundo das letras, em especial por sua atuação na revista *The Compass*, publicada por estudantes do curso de Medicina. Aos dezenove anos, mudou-se para os Estados Unidos com o objetivo de realizar outro curso de graduação: em um primeiro momento, estudou na Universidade de Drexel, na Filadélfia, mudando-se posteriormente para a Universidade do Estado de Connecticut, onde se graduou em Comunicação e Ciência Política em 2001. Mais tarde, concluiu seu mestrado em Escrita Criativa pela Universidade John Hopkins, em Baltimore, e em Estudos Africanos pela Universidade de Yale em 2008. Além disso, Adichie participou de programas de bolsas voltadas a artistas e escritores, a exemplo da Hodder Fellowship da Universidade de Princeton e na Universidade de Harvard.

A produção literária de Chimamanda Adichie teve início no final da década de 1990, mormente com a publicação de poemas e peças teatrais, além de contos publicados em revistas literárias. Adichie alcançou notoriedade com a publicação de seus romances no início da década de 2000, especialmente *Purple Hibiscus* [Hibisco Roxo] em 2003, na qual tematiza os entrecruzamentos entre a violência política na Nigéria pós-independência e a violência de gênero em um ambiente doméstico, abordando, ainda, os contrastes entre religiosidades ancestrais igbo e valores cristãos; e *Half of a Yellow Sun* [Meio Sol Amarelo], em 2006, romance ambientado antes e durante a guerra de secessão do Biafra, episódio narrado a partir das trajetórias e vicissitudes de diversas personagens, entre as quais duas protagonistas igbo, as irmãs Olanna e Kainene. Ao tematizar os conflitos civis na Nigéria entre as décadas de 1960 e 1970, Adichie também retomava elementos de sua história familiar, visto que sua família perdeu quase tudo como consequência da guerra, que também vitimou os avós da romancista. Adichie insere-se em um conjunto de romancistas nigerianos que, nas últimas décadas, utilizaram-se de suas experiências testemunhais ou relatos familiares para refletir sobre a guerra do Biafra, a exemplo de Chinua Achebe, que viajou pelos Estados Unidos e pela Europa com o fito de denunciar as atrocidades da guerra e posteriormente publicou poemas tratando da violência contra as comunidades igbo (*Beware Soul Brother and Other Poems*, publicado em 1972), e de Buchi Emecheta (1944-2017), que relatou suas experiências com os conflitos no romance *Destination Biafra* (1982).

Nesse ponto, denotam-se as marcas de certa perspectiva autobiográfica nesses poemas e romances, considerando-se a autobiografia como uma forma de reflexão e organização das experiências individuais e coletivas, e ainda como uma forma de “arquivamento da própria vida”, por

intermédio de processos de seleção, ordenamento e classificação de episódios vividos<sup>147</sup>. De forma mais específica aos relatos autobiográficos produzidas por mulheres e, sobretudo, de mulheres negras, a reflexão sobre as escritas autorreferenciais (a exemplo de autobiografias, diários, cartas, entre outros) também implica em pensar na recuperação de experiências que, durante muito tempo, foram invisibilizadas e marginalizadas a partir do que se considerava como uma “vivência universal”<sup>148</sup>. Até porque, “no caso das mulheres”, a escrita autobiográfica assume uma grande importância, já que o anonimato caracterizou a condição feminina até algumas décadas atrás” e, ao exemplo dos romances de Chimamanda Adichie, essas modalidades de escrita produzem “uma experiência de incômodo e inadaptação diante dos modelos tradicionais de feminilidade, um sentimento de estrangeiridade vivido desde cedo em suas vidas”<sup>149</sup>. Nesses casos, convém ainda demarcar a potência das narrativas autobiográficas produzidas por mulheres africanas ou em situação de diáspora como espaços de “autodefinição”, por meio de um esmiuçamento do “espaço privado, oculto, da consciência feminina negra, os pensamentos “íntimos” que permitem às mulheres negras suportar e, em muitos casos, transcender os limites das opressões interseccionais de raça, classe, gênero e sexualidade”<sup>150</sup>.

Por extensão, convém contextualizar a produção de Chimamanda Adichie como parte da chamada “terceira geração” da literatura africana contemporânea. De acordo com Pius Adensamni e Chris Dunton<sup>151</sup>, os poetas, dramaturgos e romancistas das primeiras e segunda gerações nasceram na primeira metade do século XX, momento em que o continente africano ainda estava quase que inteiramente sob o jugo colonial. Os literatos da primeira geração estavam vinculados ao movimento da Négritude nas décadas de 1930-1940, ou aos nacionalismos na África anglófona e francófona nas décadas de 1950-1960, a exemplo de Leopold Sedar Senghor, Agostinho Neto, David Diop, Birago Diop, Ousmane Soce, Amos Tutuola, Chinua Achebe, Wole Soyinka, J. P. Clark, T. M. Aluko, Efua Sutherland, Flora Nwapa, Cheikh Hamidou Kane, Peter Abrahams, Alex La Guma, Eskia Mphahlele, Sembene Ousmane, Ngugi wa Thiong'o, Mongo Beti e Ferdinand Oyono.

---

<sup>147</sup> ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n.21, 1998, pp. 9-34.

<sup>148</sup> STORI, Jessica. “Quando eu infiltrei na literatura, não previa o pranto”: a memória e a escrita de Carolina Maria de Jesus. *Dissertação de Mestrado (História)*. Curitiba: UFPR, 2020, p.35.

<sup>149</sup> RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora Unicamp, 2013, pp. 36-38.

<sup>150</sup> COLLINS, Patricia Hills. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Trad. Jamilyne Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 202.

<sup>151</sup> ADESANMI, Pius; DUNTON, Chris. Nigeria's third generation writing: historiography and preliminary theoretical considerations. *English in Africa*, v. 32, n. 1, 2005.

A segunda geração seria composta por literatos que, ainda que nascidos no período colonial, vivenciaram os contextos de independência e descolonização, desenvolvendo certo distanciamento crítico com os projetos nacionalistas africanos, apontando ainda as suas limitações e contradições: poetas e romancistas como Sony Labou Tansi, Williams Sassine, Alioum Fantoure e Mariama Ba, entre outros, integrariam essa geração. Distintamente aos autores da primeira geração, preocupados em desconstruir estereótipos coloniais sobre as sociedades e culturas africanas, a segunda geração estava muito mais preocupada com questões políticas da contemporaneidade; de modo específico ao caso nigeriano, com os impactos do processo de descolonização, o escalonamento da violência política e a corrupção, bem como a guerra do Biafra: esses questionamentos estavam presentes em obras de autoras e autores nigerianos como Buchi Emecheta, Elechi Amadi, Chukuemeka Ike, Festus Iyayi e Helen Obviagele, entre outros. A partir da metade da década de 1980, Adesanmi e Dunton observam a formação de uma nova geração de escritores nascidos, de um modo geral, pós-1960, contexto associado internacionalmente ao fim do colonialismo no continente africano. Algumas figuras emblemáticas da terceira geração, e que alcançaram reconhecimento internacional, são Moses Isegawa (Uganda), Ama Darko (Gana), Yvonne Vera e Tsitsi Dangarembga (Zimbábue), Calixthe Beyala (Camarões) e Abdourahman Ali Waberi (Djibuti).

Contudo, a Nigéria “apresenta um caso singular de centenas de escritores do mesmo país que se integram à identidade da terceira geração, e estão conscientes dessa imagem coletiva e das dinâmicas de uma auto-imaginação literária em amplitude nacional”<sup>152</sup>. Essa geração de poetas, romancistas e dramaturgos formou-se em um contexto de acentuada crise econômica e política na Nigéria da segunda metade da década de 1980, principalmente com o golpe militar em dezembro de 1983, que derrubou o governo de Shehu Shagari, cujas eleições haviam sido amplamente acusadas de fraudulentas e marcadas pela violência política, e instaurou o general Muhammadu Buhari no poder até 1985. Naquele ano, outro golpe de estado derrubou Buhari do poder, iniciando o processo de transição para a chamada “terceira república da Nigéria”, que resultou na formação de um sistema político bi-partidário e na realização de eleições presidenciais em 1993, levando à nomeação de Ernest Shonekan como chefe do governo nacional e, pouco depois, em outro golpe de estado. No campo econômico, esse período também foi marcado por turbulências, especialmente pela queda nos preços do petróleo, um dos principais produtos da economia nigeriana e na desvalorização da moeda nigeriana; uma das

---

<sup>152</sup> ADESANMI, Pius; DUNTON, Chris. Nigeria's third generation writing: historiography and preliminary theoretical considerations. *English in Africa*, v. 32, n. 1, 2005, p. 15.



consequências desse período de crise foi o fechamento de diversas casas editoriais nigerianas, ocasionando uma “evaporação dos mercados livres”<sup>153</sup>.

Apesar disso, diversos críticos literários e historiadores denotam uma revitalização da literatura nigeriana nesse período. Parte significativa dos poetas, literatos e dramaturgos associados à terceira geração são oriundos de Lagos e Ibadan, atuando de forma ativa na Association of Nigerian Authors (ANA), organização criada em 1981 com o objetivo de promover a produção literária na Nigéria e, originalmente, presidida por Chinua Achebe. Para tanto, desde a década de 1980, a ANA promoveu diversos encontros e eventos literários, publicações de antologias e revistas literárias. Entre as décadas de 1980 e 1990, boa parte da escrita literária relacionada à terceira geração consistia em poesia produzida por figuras do meio literário em Ibadan – tais como Afam Akeh, Amatoritsero Ede, Nike Adesuyi, Kemi Atanda Ilori, Chiedu Ezeanah, Remi Raji, Kunle George, Onookome Okome, Sanya Osha, Nduka Otiono e Sola Olorunoyom; que se estabeleceram em Lagos – a exemplo de Uche Nduka, Ogaga Ifowodo, Toyin Adewale Gabriel, Obi Nwakanma e Epaphras Osondu; ou ainda em Nsukka – sobretudo Esiaba Irobi, Uche Nduka, Olu Oguibe, Emman Shehu, Maik Nwosu e Chika Okeke-Agulu. A partir da segunda metade da década de 1990, observa-se ainda uma retomada do romance [*novel*] como forma literária de destaque entre os autores da terceira geração, especialmente graças às publicações de Helon Habila, Chris Abani e Chimamanda Adichie, a qual, assim como outros membros dessa geração, migrou para os Estados Unidos (ou Europa), onde publicou seu romance de estreia, *Purple Hibiscus*<sup>154</sup>.

### **(D)escrever o trauma e pensar o luto no (pós)colônia**

A trajetória e a produção literária de Chimamanda Adichie possui pontos de contato com outros literatos associados à terceira geração da literatura africana contemporânea, evidenciando ainda influências de romancistas das gerações anteriores, a exemplo do supramencionado Chinua Achebe: assim como Achebe, em seu romance de estreia *Things Fall Apart* (1958), Chimamanda Adichie, em *Purple Hibiscus*, também aborda a “desestruturação de uma família e da comunidade sob as pressões do colonialismo e da religião - reposicionando esses temas na Nigéria pós-independência, num momento

---

<sup>153</sup> HEWETT, Heather. Coming of Age: Chimamanda Ngozi Adichie and the Voice of the Third Generation. *English in Africa*, v. 32, n. 1, 2005, p. 74.

<sup>154</sup> ADESANMI, Pius; DUNTON, Chris. Nigeria's third generation writing: historiography and preliminary theoretical considerations. *English in Africa*, v. 32, n. 1, 2005, pp. 10-12.

em as heranças do colonialismo - corrupção, perseguições políticas e dogmatismos religiosos - dissolvem famílias e comunidades”<sup>155</sup>. Por extensão, Adichie também atenta-se àquelas figuras silenciadas ou marginalizadas na ficção de Achebe, em especial às mulheres vítimas de violência doméstica, de modo a enfatizar o corpo feminino e a dimensão das relações de gênero. As relações entre tradição e modernidade também são abordadas em *Purple Hibiscus*, especialmente no que se refere aos conflitos gerados pelo choque entre práticas religiosas ancestrais e a força das religiosidades cristãs na contemporaneidade.

Além disso, convém frisar que a escrita literária de Chimamanda estabelece relações com outros textos produzidos em contextos africanos e afrodiáspóricos, especialmente na literatura de autoria feminina, de modo a evidenciar uma “intertextualidade transnacional”, sugestiva da “presença de uma dimensão heterogênea, diaspórica na literatura nigeriana contemporânea - uma dimensão inerente a muitas literaturas nacionais em um mundo pós-moderno e globalizado”<sup>156</sup>. Portanto, na perspectiva de Heather Hewett, para além de uma “tradição literária” associada à terceira geração da literatura nigeriana, a obra de Chimamanda Adichie precisa ser observada em contextos mais amplos - diaspóricos, transnacionais, especialmente por abordar temáticas em comum com outras romancistas africanas e afrodiáspóricas, tais como as zimbabuanas Tsitsi Dangarembga e Yvonne Vera, e as afro-estadunidense Maya Angelou e Sapphire. Nesse ponto, convém também lembrar do próprio caráter diaspórico da trajetória de Chimamanda Adichie, entendendo a diáspora como tema pertinente aos estudos sobre as experiências africanas em situações (pós-)coloniais, e a partir de uma compreensão do conceito de diáspora como um demarcador “não por essência ou pureza, mas pelo reconhecimento de uma necessária heterogeneidade e diversidade; por uma concepção de ‘identidade’ que vive com e através da diferença, não apesar dela”<sup>157</sup>.

De forma semelhante a outros romancistas nigerianos das décadas de 1970-1980, a guerra de secessão do Biafra foi tematizada por Chimamanda Adichie em *Half of a Yellow Sun*. A se julgar pela dedicatória do romance, as motivações de Adichie ao produzir seu romance refletem traumas intergeracionais decorrentes da violência política que fraturou o estado nacional nigeriano em seu contexto pós-independência: na dedicatória, a romancista afirma que escreveu como forma de

---

<sup>155</sup> HEWETT, Heather. Coming of Age: Chimamanda Ngozi Adichie and the Voice of the Third Generation. English in Africa, v. 32, n. 1, 2005, p. 79.

<sup>156</sup> HEWETT, Heather. Coming of Age: Chimamanda Ngozi Adichie and the Voice of the Third Generation. English in Africa, v. 32, n. 1, 2005, p. 76.

<sup>157</sup> HALL, Stuart. Cultural Identity and Diaspora. In: RUTHERFORD, Jonathan. Identity, Community, Culture, Difference. Londres: Lawrence and Wishart, 1990, p. 235.

recuperar a “memória” de seus avôs, “que não [conheceu], Nwoye David Adichie e Aro-Nweke Felix Odigwe”, os quais “não sobreviveram à guerra” e de suas avós, “Nwahuodu Regina Odigwe e Nwamgbafor Agnes Adichie, duas mulheres extraordinárias”<sup>158</sup> que sobreviveram aos conflitos para contar sua história. A epígrafe que segue a dedicatória, extraída de um poema de Chinua Achebe sobre as vítimas do conflito, reforça a intertextualidade do romance, bem como seu esforço em produzir uma reflexão literária sobre o trauma e, por extensão, sobre o luto. As histórias interconectadas de suas personagens, a exemplo das irmãs igbo Olanna e Kainene; do jovem Ugwu, posteriormente pressionado a juntar-se ao exército de Biafra; e do britânico Richard Churchill representam diferentes pontos de vista de uma experiência traumática, considerando-se, portanto, o “teor testemunhal da literatura”<sup>159</sup> e sua possibilidade de “narrar o inenarrável” em situações nas quais o “próprio grau de violência impediu que o testemunho pudesse ocorrer”. Conforme afirma Marcio Seligmann Silva, “a imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço”.<sup>160</sup>

A guerra do Biafra, também conhecida como guerra civil nigeriana, foi um conflito que fraturou os projetos nacionalistas para a Nigéria entre as décadas de 1960 e 1970. A guerra deixou um saldo de aproximadamente 2 milhões de civis mortos, embora algumas estimativas apontam 3 milhões de mortos<sup>161</sup>, em sua maioria como consequência das medidas de isolamento econômico adotadas pelo governo nigeriano contra o Biafra, e que levou a períodos prolongados de fome e epidemias. Conflitos como este integram um complexo de forças designadas pelo pensador camaronês Achille Mbembe de “pós-colônia”, termo associado às “trajetórias históricas das sociedades recentemente saídas da experiência da colonização, e da violência que envolvem as relações coloniais”<sup>162</sup>. Embora as experiências das “pós-colônias” sejam “caoticamente plurais”, elas mantêm certo nível de coerência interna, especialmente pelo uso da violência estatal monopolizada pelas novas elites africanas, que controlam as riquezas nacionais por meio de corrupção e violência. Em linhas gerais, a guerra do Biafra foi o resultado de fatores derivados das décadas de administração colonial britânica, que provocaram

<sup>158</sup> ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Meio-Sol Amarelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.5.

<sup>159</sup> SILVA, Marcio Seligmann. *Literatura e trauma*. *Pró-Posições*, v. 13, n. 3, 2016, p. 135.

<sup>160</sup> SILVA, Marcio Seligmann. *Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. *Psicologia clínica*, v. 20, n. 1, 2008, pp.68-70.

<sup>161</sup> SEIBERT, Gerhard. *São Tomé and the Biafran War (1967-1970)*. *The International Journal of African Historical Studies*, v. 51, n. 2, 2018, pp. 263-292.

<sup>162</sup> MBEMBE, Achille. *On the Postcolony*. Berkeley: University of California Press, 2001, p. 101.

e agravaram diferenças regionais e dificultaram a consolidação de uma “consciência nacional unificada”<sup>163</sup>, associados também a disputas políticas e divergências étnicas dentro da Nigéria, sobretudo no contexto dos golpes de estado nos primeiros anos da década de 1960, logo após a independência. Esses episódios levaram grupos militares de origem hauçá-fulani ao poder e intensificaram a perseguição aos igbos, especialmente por meio de massacres (pogroms) no norte que levaram à morte de milhares de igbos em um período de poucos meses.

A formação da República do Biafra, um território separatista composto por grupos igbo na região oriental, refletia as aspirações e projetos de muitos igbo que compreendiam como inviável a sua permanência no governo federal da Nigéria a partir da metade da década de 1960<sup>164</sup>. Conforme os historiadores Toyin Falola e Matthew Heaton, o processo de independência da Nigéria, entre os decênios de 1950 e 1960, foi constituído em torno de bases frágeis, sobretudo pelas diferenças regionais (especialmente entre norte/sul) e étnicas (sobretudo entre grupos hauçás/fulani e grupos igbo), agravadas por décadas de administração colonial britânica, e que se apresentavam como obstáculos para a conformação de uma identidade nacional homogênea, a despeito de expressivos investimentos nas artes e na literatura como forma de construção de um sentimento de pertencimento nacional. Por extensão, problemas políticos marcaram o contexto pós-independência, principalmente pela corrupção generalizada e eleições fraudulentas, somado ao controle hegemônico de grupos étnicos em regiões específicas do território nigeriano, sobretudo como consequência do sistema federativo adotado pela constituição nigeriana após a independência, e um quadro geral de problemas econômicos, em especial sua dependência em exportações de produção agrícola para companhias europeias. O contexto mais imediato que levou à eclosão da guerra civil estava associado a uma série de golpes de estado: um primeiro, ocorrido em janeiro de 1966, liderado por oficiais militares em sua maioria de origem igbo, resultou na prisão e morte de diversos políticos hauçás, e suscitou um contragolpe poucos meses depois, o qual levou militares hauçás ao poder. O processo deu início às perseguições e massacres contra comunidades igbo vivendo no norte da Nigéria, resultando em milhares de mortos e migrações em massa.

Como consequência, “o povo igbo tentou se separar da Nigéria, então sob um governo militar, para criar a sua própria república do Biafra”<sup>165</sup>. Além do risco de outros movimentos separatistas a

---

<sup>163</sup> FALOLA, Toyin; HEATON, Mattew. *A History of Nigeria*. p. 159.

<sup>164</sup> DALY, Samuel Fury Childs. *A Nation on Paper: Making a State in the Republic of Biafra*. *Comparative Studies in Society and History*, v. 62, 4, pp. 868 - 894.

<sup>165</sup> KHAPOYA, Vincent. *A experiência africana*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 275.

serem suscitados pela criação do Biafra, a região concentrava a maioria das reservas de petróleo na Nigéria, o que levou a violenta reação por parte do governo nigeriano e um estado de guerra civil até janeiro de 1970. A guerra resultou no colapso da república do Biafra, sobretudo como consequência das medidas isolacionistas promovidas pelo governo nigeriano, que impossibilitaram o acesso a suprimentos e causaram longos períodos de fome e epidemias entre a população do Biafra. Além de milhões de mortos, o colapso do Biafra provocou um número de aproximadamente três milhões de desterrados. Desse modo, “a guerra civil deixou um legado significativo para a Nigéria [...]. A questão nacional continuaria a perseguir a retórica política nigeriana”<sup>166</sup>, e esfacelaria qualquer expectativa de uma identidade nacional coesa ou hegemônica. Afinal de contas, enquanto a Nigéria se recuperava da guerra civil, “estava claro que graves fissuras étnicas e regionais continuaram a existir, impossibilitando o estabelecimento de uma identidade nacional forte e, portanto, inviabilizando o desenvolvimento de um governo federal estável e democraticamente eleito”<sup>167</sup>.

As cicatrizes profundas deixadas pela violência relacionada à guerra civil foram tema de produção literária e poética entre pensadores nigerianos, em um esforço, num primeiro momento, de denúncia da violência contra a população civil no Biafra e, a partir disso, enquanto estratégia literária para pensar o trauma e o luto. Nesse ponto, convém pensar nas reflexões sobre esses temas a partir do ensaio *Notas sobre o luto*, de Chimamanda Adichie, publicado em um contexto marcado por perdas pessoais, isto é, a morte do pai da escritora nigeriana, e por um rastro de milhões de mortes provocados pela pandemia do COVID-19 - especialmente porque, ao refletir sobre o luto pelas perdas derivadas da pandemia, Adichie também recupera a memória de outro trauma coletivo - da guerra civil nigeriana. Em linhas gerais, o ensaio trata sobre a relação pessoal de Chimamanda Adichie com a morte de seu pai, mas também recupera elementos da cultura e espiritualidade tradicional igbo para refletir sobre a relação com a morte e o luto, evocando, desse modo, processos de reelaboração da memória ancestral. Essa recuperação da memória, especialmente a partir da ritualística fúnebre, fica evidente nas menções ao avô de Adichie, vítima dos conflitos do Biafra. Adichie relembra que seu “avô morreu na Guerra de Biafra, num campo de refugiados, e foi enterrado numa cova sem identificação, e uma das primeiras coisas que [seu] pai fez depois da guerra foi organizar uma cerimônia fúnebre posterior.”<sup>168</sup>. Aqui, assim como em outros momentos da narrativa, Adichie parece recuperar as cerimônias fúnebres e o próprio sentimento do luto como um elemento central nas relações espirituais entre as comunidades

<sup>166</sup> FALOLA, Toyin; HEATON, Mattew. *A History of Nigeria*, p. 180.

<sup>167</sup> FALOLA, Toyin; HEATON, Mattew. *A History of Nigeria*, p. 181.

<sup>168</sup> ADICHIE, Chimamanda. *Notas sobre o luto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 81-82.

igbo: a necessidade de transformar o morto em ancestral por meio da cerimônia fúnebre, e assim preservar sua memória.

Conforme demonstrado pelo sociólogo Fábio Leite, em diversas sociedades na África Ocidental, tais como os iorubás (Nigéria) os agni e os senufo (Costa do Marfim), o indivíduo é visto como constituído por uma pluralidade de elementos vitais, em união e interação, que tornam a existência visível, dentre os quais, um princípio indestrutível e inexaurível que, após a morte, se manifesta como parte de um novo membro do mesmo grupo social ou se integra à massa ancestral de uma determinada sociedade. Assim, o indivíduo, após o fim de sua existência física, é transformado em ancestral por meio de ritos funerários, e que continua a portar uma carga social que refere-se ao grupo social que pertence. Assim, a morte se coloca como um fator "decisivo" para a produção desse novo estado existencial, permitindo uma nova mutação do indivíduo, e capacitando-o para se transformar em um ancestral. Cerimônias funerárias, incluindo a vivência do luto, adquirem um papel central na "elaboração social do ancestral". Desse modo, as cerimônias funerárias, "além da superação cultural da morte, permitem à sociedade dar continuidade à existência do homem, aparecendo esses ritos, ainda como o derradeiro elemento vital integrante da personalidade"<sup>169</sup>.

De modo semelhante, as religiosidades tradicionais igbo baseiam-se na crença na ancestralidade como força social. Os ancestrais são conhecidos como *ndiichie*. Nos sistemas de crença igbo, os *ndiichie* podem ser categorizados em três diferentes tipos: como *ndiichie di ndu* (ancestrais vivos), relacionados à anciãos com idade superior a setenta e um anos, os quais são considerados como guardiões de práticas culturais e costumes sociais; como *ndiichie n'obi*, ou símbolos de culto ancestral, relacionados às representações dos ancestrais mortos, como por exemplo objetos cerimoniais presentes em altares domésticos, e que permitem a confluência entre os vivos e os ancestrais mortos; e, por fim, os *ndiichie* propriamente dito: aqueles que são representados por meio de símbolos, transformados em ancestrais por meio de rituais fúnebres, e que fazem sua presença ser sentida entre os vivos, influenciando, por exemplo, na vida social e econômica da comunidade<sup>170</sup>. Desse modo, ao elaborar sobre a morte de seu pai, Adichie relembra que, dentre os “ditames culturais dos igbo”, encontra-se o imperativo da “passagem imediata da dor para o planejamento”, isto é, garantir a correta realização das cerimônias

---

<sup>169</sup> LEITE, Fábio. A questão ancestral: notas sobre ancestrais e instituições ancestrais em sociedades africanas. África: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP, v. 7, 1984, p. 134.

<sup>170</sup> ANIZOBA, O.M. Ancestral Presence in African Traditional religion: The Igbo perspective”. Unizik Journal of Arts and Humanities. v. IV, 2022, pp 77-89

fúnebres para garantir a transformação do morto em ancestral. Além disso, “para a maioria dos igbo, pelo menos os da geração do meu pai, não ter um funeral adequado é quase um temor existencial”<sup>171</sup>.

### Notas sobre o luto, entre tradição e modernidade

*Odelu-Ora-Abba*, aquele que escreve para a comunidade, era o título recebido por James Nwoye Adichie, pai de Chimamanda.<sup>172</sup> Ao (des)escrever a experiência do luto paterna e o carinho que os conhecidos haviam por seu pai, a nigeriana reflete sobre o luto e traumas que sua família vivenciou nas últimas décadas. Assim, retoma como a guerra civil afetou a identidade igbo, conectando a morte de seu avô e seu pai, trazendo a necessidade de preservar a sua cultura e a identidade como resistência contra o trauma da guerra civil e também, os traumas de perdas em contextos coletivos e individuais (como a COVID-19).

Ao longo do ensaio, entre as temáticas abordadas, Chimamanda Adichie resgata a importância dos rituais de enterro nas culturas igbo, evidenciando como esses processos desempenham um papel fundamental na comunidade. Ademais, a autora conta com a oportunidade de escrita como espaço de elaboração do luto pessoal, ao mesmo tempo, buscando compreender a dimensão cultural das práticas funerárias realizadas, visando rememorar a trajetória e vida de seu pai.

Relembrando os sentimentos descritos por James em vida diante da morte do avô de Chimamanda<sup>173</sup>, Adichie ilustra a reverência de honrar os entes queridos por meio de ritos fúnebres. Apesar de, pai e avô, falecerem em contextos onde as mortes fossem contabilizadas como números, serão as tradições (aqui Igbo) que trarão dignidade à memória daquele que um dia fez a diferença em sua comunidade.

Conforme as informações divulgadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a Nigéria foi classificada como um dos países africanos de alto risco à propagação da COVID-19 e com a maior taxa de letalidade da África Ocidental<sup>174</sup>. A partir deste contexto de saúde pública nigeriana, ela aponta

---

<sup>171</sup> ADICHIE, Chimamanda. Notas sobre o luto. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 78.

<sup>172</sup> ADICHIE, Chimamanda. Notas sobre o luto. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 53.

<sup>173</sup> ADICHIE, Chimamanda. Notas sobre o luto. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p.

<sup>174</sup> JOHNSON, S. M. Fears, Deaths, Mourning, and Burials in Times of COVID-19 Pandemic in Nigeria. *África, [S. l.]*, n. 43, p. e203137, 2022. DOI: 10.11606/issn.2526-303X.i43pe203137.

a rapidez com que os funerais precisam acontecer na cultura igbo, fator que entrará em conflito com as condições dadas na pandemia, que dificultaram o acesso ao corpo falecido para realização dos ritos.

A cerimônia vai respeitar os protocolos da covid: máscaras são obrigatórias, e os convidados serão servidos na casa de diversos vizinhos que respeitarão as regras de distanciamento social. (...) Mas um dia antes de mandarmos imprimir os convites circulam boatos de que os aeroportos da Nigéria não vão mais abrir em agosto. (ADICHIE, 2021, p. 86)

Mesmo com o sentimento de dever a ser cumprido, no que se refere aos rituais fúnebres, o ensaio estabelece comparações sobre o modo como os processos pós-morte acontecem na Nigéria e fora dela - considerando a trajetória diaspórica de Chimamanda Adichie, suas perspectivas se voltaram aos Estados Unidos. Além disso, em um dos capítulos, fica evidente a insatisfação da escritora com a situação de perda familiar em contextos nigerianos, relacionando os dramas pessoais às situações sociais e políticas na Nigéria contemporânea: “a Nigéria, como sempre, está tornando tudo mais difícil do que deveria ser” de modo que “a desilusão com meu país de nascimento tem sido uma constante na minha vida, mas uma animosidade amarga assim é novidade”<sup>175</sup>.

Os ritos fúnebres representam a transitoriedade daquele ser faleceu, e um dos processos dos familiares e conhecidos que vivem enlutados, e seu percurso irá variar entre as culturas. Ainda que a morte seja uma das fases da vida de um ser humano, a morte inesperada (como as provenientes da COVID-19) tem um impacto ainda maior em quem irá vivenciar o luto, e veremos isso com o relato, que será potencializado pelo contexto onde ela se encaixa.<sup>176</sup>

Além dos rituais de enterro, a escritora discorre acerca da produção social do antepassado na cultura igbo. Abordando a importância da "liberação" da alma falecida, que envolve o quitamento de dívidas com a comunidade antes do funeral para evitar um boicote, essa prática destaca a forte ligação entre a comunidade e a celebração da vida do ancestral. Chimamanda busca a assimilação sobre como essas práticas contribuem para a coesão social e a preservação das tradições igbo, mas novamente, os conflitos culturais e emocionais (derivados também ao choque do luto inesperado) aparecem:

Há longas listas do que os grupos esperam de nós: as classes etárias, a *umuada*, a associação tradicional de mulheres da cidade, os grupos católicos, o conselho de chefes, os membros da vigilância que protegem nossa cidade. Quantos isopores de arroz, se o presente vai ser uma galinha ou um cabrito, quantos engradados de cerveja. Olho torto para essas listas. Não é a droga de uma festa. Eu não ligo para o que vamos vestir, nem para o que o catering vai preparar, nem para quais grupos vão ou não comparecer, porque eu continuo afundando.

<sup>175</sup> ADICHIE, Chimamanda. Notas sobre o luto. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 86.

<sup>176</sup> UGWU, Stella A. NWANKWO, Barnabas E. Modern Funeral Rites during COVID-19 Pandemic: the Socio-Psychological Implications. Nigerian Journal of Social Psychology. 2020.



Mas preciso ligar; essas coisas tinham importância para o meu pai. "Pense no que papai iria querer", diz meu irmão Chuks para me reconfortar. (ADICHIE, 2021, p. 80)

Na cultura igbo, os rituais de enterro desempenham um papel significativo e são considerados essenciais para honrar e celebrar a vida da pessoa falecida. Esses processos não apenas proporcionam um meio de despedida para os conhecidos, mas também são vistos como uma forma de garantir que o espírito desencarnado seja adequadamente encaminhado e que o coletivo possa prestar seus respeitos de maneira apropriada. Desse modo, ao discorrer sobre a permanência de tradições igbo, ainda que atentando-se a contextos de conflitos sociais, a escrita ensaística de Chimamanda Adichie em *Notas sobre o Luto* possibilita pensar nas instâncias de junção histórica e co-realização de modernidade e tradição em contextos africanos, considerando-se a permanência de elementos considerados como tradicionais, a exemplo de celebrações fúnebres, não como expressões culturais estáticas, mas sim como uma parte das modernidades africanas<sup>177</sup>. Desse modo, a resiliência de práticas funerárias, entre outros elementos culturais categorizados como "tradicionais", não remetem a uma "retradicionalização" da sociedade, ou a um apego irracional ao passado, mas sim estratégias da população para lidar com "mudanças estruturais na sociedade"<sup>178</sup>.

Para além dos processos físicos da perda, como a vivência de uma celebração fúnebre, partindo agora aos traumas culturais e emocionais da perda, Adichie descreve como a Guerra do Biafra deixou uma marca inapagável na família. Especialmente com seu avô, que lutou e faleceu em um campo de refugiados durante a Guerra, o homem foi enterrado numa cova sem qualquer tipo de identificação e assim que pode, após o conflito, o pai de Chimamanda organizou uma cerimônia fúnebre posterior, como forma de honrar sua alma e vida. (ADICHIE, 2021, p. 80)

A maneira como a nigeriana aborda das práticas culturais igbo (que também são suas), incluindo os rituais de enterro e a produção social do ancestral, é marcada por uma profunda reflexão sobre a importância dessas práticas na comunidade. Simultaneamente enfatizando sua trajetória diaspórica, isto é, como uma romancista que, ao sair da Nigéria, tomou contato com outras expressões culturais e formas de interpretar a vida e a morte.

Nas suas *Notas sobre o luto*, Chimamanda Adichie sobrepõe diversas camadas de memórias traumáticas e formas de luto: sejam as lembranças daqueles que morreram como consequência da

---

<sup>177</sup> GESCHIERE, Peter. Feitiçaria e modernidade nos Camarões: alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade. *Revista Afro-Ásia*, v. 34, 2006, pp. 9-38.

<sup>178</sup> FURQUIM, Fabiane. *A Revista Justiça Popular e o projeto modernizador Frelimista em Moçambique: os conflitos entre a modernidade e a permanência da tradição (1978-1992)*. Dissertação de Mestrado (História). Curitiba: UFPR, 201, p. 137.

guerra civil na década de 1970, sejam as vítimas da pandemia da COVID-19. Posto assim, trata-se de um documento literário pertinente ao estudo das formas de sensibilidades do intelecto na contemporaneidade - das expressões do sentir e pensar.

## Conclusão

Por meio de sua trajetória e produção literária, a romancista nigeriana Chimamanda Adichie tem apontado aos limites e contradições dos projetos de construção de identidades nacionais na Nigéria contemporânea, ao enfatizar grupos excluídos ou marginalizados ao longo dos processos - seja a violência contra mulheres nigerianas, tal qual enfatizado em romances como *Purple Hibiscus*, ou contra grupos étnico-culturais, a exemplo da perseguição contra a população igbo em seu *Half of a Yellow Sun*. Esses elementos evidenciam os diálogos e conexões de Chimamanda Adichie com a chamada “terceira geração” da literatura africana contemporânea, sobretudo pelo seu distanciamento crítico de certa perspectiva homogeneizante de nação, e também por tematizar as violências e crises políticas que marcaram a história nigeriana nas últimas décadas do século XX. Desse modo, ao ressignificar as memórias de grupos excluídos ou marginalizados, a escrita literária e ensaística de Chimamanda Adichie problematiza a nação, por recuperar episódios de violência política e situações de trauma coletivo que marcaram o “pós-colônia” na Nigéria.

As violências em contextos de descolonização são, também, problematizadas pela romancista em *Notas sobre o Luto*. Nesse texto ensaístico, construído a partir de elementos autobiográficos, Adichie sobrepõe diferentes camadas de temporalidade ao tratar da guerra civil nigeriana entre as décadas de 1960 e 1970, e as respostas do governo nigeriano à pandemia do COVID-19, que resultou em milhares de mortos. Portanto, ao conectar as perdas pessoais, especificamente a morte de seu pai em decorrência do COVID-19, com os sofrimentos coletivos, Adichie discute os processos de luto e a ritualística fúnebre envolvida no processo de elaboração social dos ancestrais entre as comunidades igbo. Assim, *Notas sobre o Luto* também promove uma reflexão sobre os conflitos entre modernidades e a permanência de tradições, observando práticas culturais, a exemplo dos rituais fúnebres, não como um apego irracional ao passado, mas sim como uma resposta a mudanças estruturais que afetaram a sociedade nigeriana.

### Referências bibliográficas

- ADICHIE, Chimamanda. **Meio-Sol Amarelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ADICHIE, Chimamanda. **Notas sobre o luto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- ADICHIE, Chimamanda. Ngozi. “The Headstrong Historian”. *The New Yorker*, 23 de jun. 2008. Disponível em <<https://www.newyorker.com/magazine/2008/06/23/the-headstrong-historian>> Acesso em: 09 de jun. 2023.
- ADESANMI, Pius; DUNTON, Chris. Nigeria's third generation writing: historiography and preliminary theoretical considerations. *English in Africa*, v. 32, n. 1, 2005, pp. 7-19.
- ANIZOBA, O.M. Ancestral Presence in African Traditional religion: The Igbo perspective”. *Unizik Journal of Arts and Humanities*. v. IV, 2022.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n.21, 1998, pp. 9-34.
- BRAGA, Cláudio Roberto Vieira. Trocando o próprio nome: identidade cultural e memória em The Headstrong Historian, de Chimamanda Ngozi Adichie. *Cadernos Cespuc*, Belo Horizonte, n. 19, 2010, pp. 42-50.
- BRUGIONI, Elena. **Literaturas africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto**. Campinas: UNICAMP, 2019.
- COLLINS, Patricia Hills. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DALY, Samuel Fury Childs. A Nation on Paper: Making a State in the Republic of Biafra. *Comparative Studies in Society and History*, v. 62, 4, pp. 868 - 894.
- DOHERTY, Brian. Writing Back with a Difference Chimamanda Ngozi Adichie’s “The Headstrong Historian” as a Response to Chinua Achebe’s Things Fall Apart. *Matatu*, v. 45, 2014, pp. 187-201.
- FALOLA, Toyin; HEATON, Mattew. *A History of Nigeria*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- FURQUIM, Fabiane. **A Revista Justiça Popular e o projeto modernizador Frelimista em Moçambique: os conflitos entre a modernidade e a permanência da tradição (1978-1992)**. Dissertação de Mestrado (História). Curitiba: UFPR..
- GESCHIERE, Peter. **Feitiçaria e modernidade nos Camarões: alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade**. Revista Afro-Ásia, v. 34, 2006, pp. 9-38.
- HALL, Stuart. Cultural Identity and Diaspora. In: RUTHERFORD, Jonathan. *Identity, Community, Culture, Difference*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

HEWETT, Heather. Coming of Age: Chimamanda Ngozi Adichie and the Voice of the Third Generation. *English in Africa*, v. 32, n. 1, 2005, p. 73-97.

JOHNSON, S. M. Fears, Deaths, Mourning, and Burials in Times of COVID-19 Pandemic in Nigeria. *Revista África*, n. 43, 2022, pp. 8-19.

KHAPOYA, Vincent. **A experiência africana**. Petrópolis: Vozes, 2015.

LEITE, Fábio. A questão ancestral: notas sobre ancestrais e instituições ancestrais em sociedades africanas. *Revista África*, v. 7, 1984.

MBEMBE, Achille. **On the Postcolony**. Berkeley: University of California Press, 2001.

NUNES, Alyxandra Gomes. Chimamanda Ngozi Adichie: trajetória intelectual e seu projeto literário. *Revista África(s)*, v. 03, n. 05, 2016, pp. 129-145.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: LANGUE, Frédérique; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.